



GUERRA NA UCRÂNIA

Moscou lança mísseis e Kiev aposta em ofensiva

Bombardeio russo atinge edifício residencial na cidade de Uman e mata 23 moradores, incluindo quatro crianças. Ministro da Defesa de Volodymyr Zelensky anuncia que preparativos para operação militar estão perto do fim. Em Dnipro, ataque deixa dois mortos

» RODRIGO CRAVEIRO

Grávida de sete meses, a decoradora Katerina Zagrebela, 36 anos, acordou por volta das 4h30 de ontem (22h30 de quinta-feira em Brasília) com o barulho de uma "poderosa explosão". Ela mora no primeiro andar de um prédio de nove pavimentos, na cidade de Uman, 215km ao sul de Kiev. "Imediatamente, não entendemos a magnitude do ataque. Eu estava em casa com a minha filha mais nova, Diana, de 13 anos. Meu marido tem um abscesso na garganta e, por isso, se hospedou na casa dos pais, com o nosso filho caçula Zachary, 3. Minha primeira reação foi telefonar para ele", relatou ao **Correio**. Um míssil russo atingiu em cheio o edifício, no lado oposto ao apartamento de Katerina, que ficou intacto. "O imóvel sacudiu violentamente", disse.

De acordo com ela, um segundo míssil caiu em um salão de eventos que alugava com o marido. "O nosso local de trabalho ficou completamente queimado. São mais de 10 anos perdidos", lamentou. Pelo menos 23 vizinhos de Katerina morreram no bombardeio, incluindo quatro crianças. "Sinto dor por todas as vítimas. Muitas crianças e famílias jovens moravam ali. Nossa cidade é pequena. Então, quase todo mundo se conhece."

Perto dali, a professora aposentada Olga Skomorokha foi surpreendida pelo alarme

Sergei Supinsky/AFP



Arquivo pessoal



Katerina Zagrebela com os filhos Diana, 13, e Zachary, 3: lar intacto e local de trabalho destruído em ataque aéreo

antiaéreo no mesmo horário. "Logo, escutei duas explosões surdas. Saí de casa e ouvi o barulho das sirenes de bombeiros e ambulâncias", contou ao **Correio**. Foi mais uma madrugada

de insônia, algo que se tornou corriqueiro desde o início da invasão à Ucrânia, em 24 de fevereiro de 2022. Dessa vez, os bombardeios russos trouxeram a morte. Em outro bombardeio, em Dnipro (centro-leste), duas pessoas morreram, uma mulher e um menino de três anos, afirmou o prefeito Boris Filatov.

Enquanto chorava, a Ucrânia anunciava a iminência da aguardada contraofensiva. "Os preparativos estão chegando ao fim", afirmou o ministro ucraniano da Defesa, Oleksiy Reznikov. "O equipamento foi prometido, preparado e parcialmente entregue. Em um sentido amplo, estamos prontos. (...) Enquanto existir a

vontade de Deus, a meteorologia e a decisão dos comandantes, nós faremos", acrescentou. O presidente Volodymyr Zelensky publicou no Twitter um vídeo mostrando o trabalho de socorristas nos escombros do prédio em Uman. "Nós podemos derrotar o terror da Rússia juntos, com armas para a Ucrânia, as sanções mais duras contra o Estado terrorista, e sentenças justas para os assassinos", escreveu em seu perfil oficial.

Cerca de dez horas depois, Zelensky fez um pronunciamento à nação. Ele afirmou que quatro crianças estão entre os mortos em Uman. "Um míssil sobre Uman, uma cidade absolutamente pacífica, conhecida em todo o mundo

por receber dezenas de milhares de judeus hassídicos todos os anos. Apenas o mal absoluto pode desencadear tal terror contra a Ucrânia", disse o presidente.

Olga Skomorokha apela ao mundo por ajuda militar. "Nossa vitória e o sucesso na contraofensiva dependem dos Estados Unidos e do Reino Unido. Precisamos de mais suprimentos de armas e de munições", desabafou.

Segurança

De acordo com Zelensky, a Força Aérea ucraniana conseguiu abater 21 de 23 mísseis russos disparados durante a madrugada. "Nós podemos deter o terror e salvar pessoas apenas

Mãe carrega o filho diante de prédio atingido por míssil russo no meio da madrugada, em Uman, cidade de 80 mil habitantes, a 215km de Kiev

com armas. Defesa aérea, aviação moderna, (...) artilharia, veículos blindados. Tudo o que for necessário para fornecer segurança para nossas cidades e vilarejos. Para recuperar a segurança de nosso povo que ainda se encontra, infelizmente, no território ocupado. Não podemos deixar ninguém sob o poder do mal da Rússia", acrescentou.

O Ministério da Defesa da Rússia divulgou que os alvos dos bombardeios eram "militares". "As Forças Aeroespaciais Russas lançaram um ataque de mísseis de longo alcance e de alta precisão contra pontos temporários de implantação das reservas da Força Aérea Ucraniana", disse o comunicado. "A meta do ataque foi alcançada. Todos os alvos designados foram neutralizados. O movimento das reservas inimigas dentro das áreas de combate foi impedido."

A contraofensiva ucraniana pode representar nova etapa da guerra, depois de 429 dias de combates. Na quinta-feira, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) anunciou a entrega de 230 tanques e de 1.550 veículos blindados para Kiev.

Segundo a agência de notícias France-Presse (AFP), a Rússia — que mantém controle sobre 20% do território da Ucrânia — mobilizou centenas de milhares de reservistas para preservar ganhos no front, no leste e no sul da Ucrânia.

No campo diplomático, Zelensky pediu ao colega chinês, Xi Jinping, que atue para pressionar o Kremlin a devolver à Ucrânia as cerca de 20 mil crianças ucranianas "deportadas" pela Rússia.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

O Paraguai merece bem mais atenção

É sintomático o desinteresse praticamente absoluto observado por aqui em relação à eleição presidencial e legislativa de amanhã no Paraguai. Trata-se de um vizinho com significativo peso específico para o Brasil, a começar pela história — o papel do então império de Pedro II na guerra do século 19, fator decisivo para estabelecer uma relação bilateral fortemente assimétrica. Hoje, os dois países compartilham a hidrelétrica de Itaipu. E, afinal, vivem no Paraguai mais de um milhão de brasileiros e descendentes.

Fenômeno mais recente, facções criminosas do Rio e de São Paulo disputam entre si e com rivais locais diferentes atividades: detêm plantações de maconha, controlam rotas de contrabando e de tráfico de armas e

drogas — inclusive cocaína originária da Bolívia. Foi nesse contexto que um dos três candidatos no páreo pela presidência, Paraguayo Cubas, teve cassado o mandato de senador, em 2019, depois de postar um vídeo no qual falava em matar "100 mil brasileiros e bandidos".

Na reta final da campanha, o "Bolsonaro paraguaio", como é chamado, aparece nas pesquisas em clara ascensão. Saltou para 23% das intenções de voto e se aproxima dos dois favoritos. Santiago Peña, do governista Partido Colorado, aparece com 33% e luta cabeça a cabeça com Efraín Alegre, do Partido Liberal Radical Autêntico (PLRA), que tem 34% das preferências, à frente de uma coligação que vai de centro-direita a centro-esquerda.

Jogo a quatro

À parte a densa agenda bilateral, que incide sobre a política energética e sobre a segurança pública — dos dois lados da fronteira —, o Paraguai é peça no tabuleiro onde o governo Lula joga uma frente decisiva de sua política externa. O rumo definido para os próximos anos no Palácio de López, em Assunção, terá influência no desejado relançamento do Mercosul, com destaque para a aprovação do acordo comercial fechado em 2019 com a União Europeia.

Como um dos "sócios menores", ao lado do Uruguai, o Paraguai coloca ênfase na redução das assimetrias no bloco. Trata-se de um processo que depende fundamentalmente do aporte econômico do Brasil, tanto mais agora, com a Argentina em dificuldades. Em paralelo com as manobras no âmbito do Mercosul, sucessivos governos paraguaios fletaram com a abertura comercial para os EUA e, mais recentemente, a China.

A maior ou menor afinidade pode facilitar ou dificultar os movimentos do Planalto e do Itamaraty na frente da integração

regional, considerada um alicerce para a inserção internacional do país.

Primeira divisão

Ainda como desdobramento das viagens do presidente à China e à Europa, a diplomacia brasileira entra na tabela da "primeira divisão" da política global, justamente na partida que concentra as atenções — a guerra na Ucrânia. Antes mesmo de voltar para Brasília, depois da estada em Portugal e na Espanha, Lula anunciou a decisão de enviar a Kiev seu assessor especial. Chanceler no primeiro período do petista no Planalto, entre 2003 e 2010, o embaixador Celso Amorim se reunirá com o presidente Volodymyr Zelensky.

Além de "conhecer de perto a realidade da guerra", pela ótica ucraniana, o emissário de Lula vai ouvir o que pensa o governo de Kiev sobre a iniciativa de paz brasileira. Ainda sem data prevista, a visita se soma aos contatos entre a Ucrânia e a China, que avança para ocupar seu espaço no esforço de pacificação — em ritmo cauteloso, mas consistente.

Próximas escalas

A viagem do assessor especial à capital ucraniana será elemento fundamental para definir a resposta oficial do Planalto aos chamados feitos a Lula pelas partes em conflito. Amorim esteve já em Moscou, onde costurou a vinda a Brasília do chanceler Sergei Lavrov — que foi ao Alvorada entregar pessoalmente o convite para que o presidente brasileiro visite o colega Vladimir Putin, em Moscou. Em seguida, veio o convite feito de público pelo governo ucraniano — assunto obrigatório para o emissário brasileiro em Kiev.

De certo, Lula terá já no fim de maio a oportunidade de discutir a guerra com os governantes das principais economias industriais. O Japão vai sediar o encontro do G7, entre os dias 19 e 21, e o premiê Fumio Kishida convidou o presidente brasileiro a participar. Embora o Planalto não tenha confirmado oficialmente, a tendência é que seja aceito o convite — o primeiro que o país recebe dos sete grandes desde a primeira passagem de Lula pela presidência.